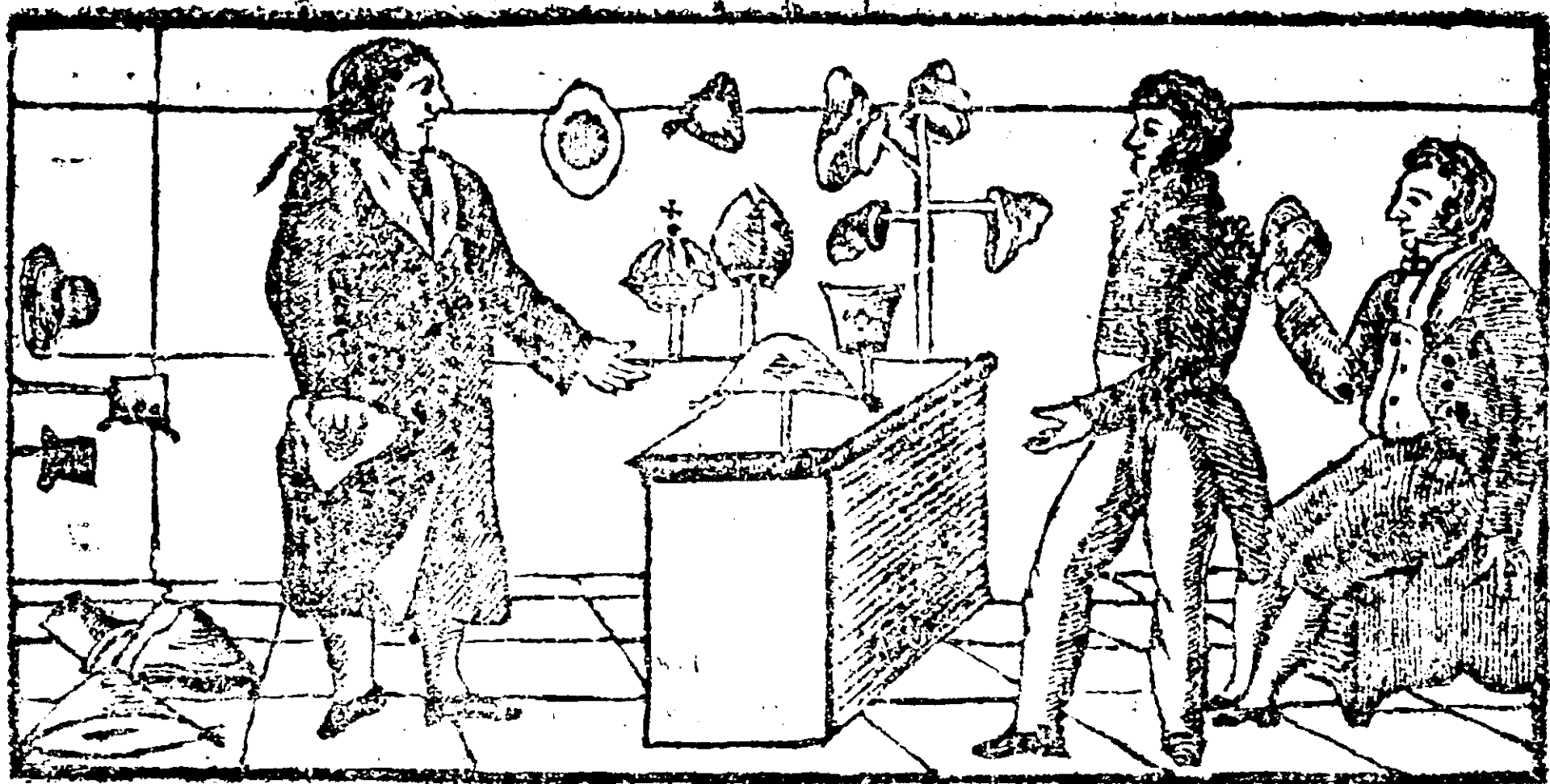


O
CARAPUCEIRO

28 DE FEVEREIRO
DE 1838



O CARAPUCEIRO.

PERIODICO SEMPRE MORAL. E SO' PER ACCIDENS POLITICO.

*Hunc servare modum nostri novere libelli
Parcere personis, dicere de vitiis.*
Marcial Liv. 10. Epist. 33.

Guardarei nesta Folha as regras boas,
Que he dos vicios fallar, não das pessoas.

DIALOGO

ENTRE

*D. Mari'andia, e D. Benta,
sua Bisavó.*

D. Benta

Nunca esteve a nossa terra tão desgraçada. Vejo hoje cousas, que nunca esperei ver em dias de minha vida. Diz-me, Menina, como se lembráão teu pai, e tua mãe de te porem o nome de *Malandra*, ou *Marianda*, ou como quer que he; que não me entendo com estes nomes d'agora.

D. Marilandia.

Já ouvi dizer a maninho Despaute-rio, que o meu nome he o de huma terra d'America Ingleza; e acho-o tão tão bonito!

D. Benta.

Anjo bento, e Credo em Cruz. Pois, minha filha, ha-se de pôr em hum Christão nome de Sancto, ou nome de

terras? No meu tempo a gente não se Baptisava, se não por Anna, Maria, Francisca, Rita, Clara, Benta, Joanna, Michaela, Quiteria, Thereza, &c.: mas pôr em creaturas de Deos nomes de terras, e de bichos nunca tal esperei ver: estamos em fim de mundo.

D. Maril,

Minha Bisavó, esses nomes de Santos estão muito vistos, já se não usão. Hoje o grande tom he pôr aos meninos nomes de Novellas, que quasi todos são lindos, e primo Lauderdale me disse, que a moda de melhor gosto são nomes de terras, principalmente d'America Ingleza; por que he Republica; e por isso se eu casar, como espero, e tiver filhos, não se hão de chamar, se não Philadelphia, Marilandia, New-York, Pensilvania, Ohêo, Massachusset, Delaware, Connecticut.....

D. Benta.

Abrenuntio. Que nomes estrambo

ticos! Mas se hoje por nossos grandes peccados só se quer nomes de terras para pôr em gente christã; por que se não dá preferencia aos que temos no nosso paiz? E assim Baptizem os meninos, hum por Tracunhem, outro por Tiju-cupapo, outro por Maranguape, outro por Cafundó, esta por Cabanga, aquella por Jacoca, aquell'outra por Quebrangullo, &c. Terras por terras tanto valem as nossas, como as estranhas.

D. Maril.

Embora assim seja: mas o certo he, que nada do que he nosso presta; e pelo contrario tudo estrangeiro he bom.

D. Benta.

Por isso he, que a nossa terra vai de mal a pior. As modas d'agora não sei para que servão; não lhes acho graça. Que cabeças tão mal armadas trazem as raparigas d'hoje! No meu tempo podia-se ver por gosto huma cabeça. A testa era larga, e até se fazia, arrancando os cabellos com breu. Hoje só vejo nas cabeças carreiros de formiga. Os homes no meu, tempo andavão com suas cabeleiras, que erão bem bonitas, e tinhão as barbas rapadas, e bem lisas: agora pelo contrario trazem as cabeças gadelhudas, como cachorros felpudos, e humas barbas ao redor do queixo, que mettem medo a gente.

D. Maril.

Não diga isto, Snra. Há nada mais lindo, do que o *passa-piolho*? Do que serve hum homem com a cara toda rapada? E que graça tem huma cabeça sem a estrada da liberdade? Deixe estar Vm., que logo mando pedir a *Meus Medeixes* a sua colleccão dos figurinhos Francezes para Vm. vér o que he bello, e de bom gosto.

D. Benta.

Não, minha filha, eu não quero ver esses desafóros. Menina, tu não sabes

o que dizes: tudo quanto hoje vejo não presta para nada. Até os espelhos d'agora não valem hum vintem: os do meu tempo sim; que mostravão o rosto da gente liso, corado, e formoso: mas os d'hoje! O demo, que nelles se mire. E o que direi das danças d'agora comparadas com as da minha mocidade? Hoje não se vê, se não saltos, corropios, e sapateados, tudo sem graça nenhuma: até os nomes das danças são feios, como Sorongo, Cachucha, Montenello, e outras patifarias semelhantes. No meu tempo, (ah! que saudades!) tinhamos o Minuete rasteiro, e da Còrte, que erão danças serias, e socegadas: tinhamos o Côco, o Sabão, e a Comporta, que se dançavão lindamente ao som de huma citaia. Onde me vez, tive meus aplausos no Minuete da còrte; e teu bisavó (Deos lhe falle n'alma) não se namorou de mim, se não pelo bem que me vio dançar. Assim são as cantigas. Que graça tem as d'agora? Eu nem as posso ouvir. Onde he, que hoje hão de apparecer modinhas, como "*A minha Nize adorada*" "*Zabelinha come pão, que daremos ao villão*" "*Olhem Cupido, como está virado?*" "*Está d'amores novos, está descampinado*"; e outras muitas, que já me não lembrão. Isto sim; he que erão chulas bonitas; que as d'agora não sei para que prestem.

D. Maril.

Ora, minha Bisavó, não diga tal cousa. A Muzica antiga era huma choradeira, insuportavel.

D. Benta.

Choradeira, tolleirona? Choradeira he a de hoje, que gemenhos com fome de carne, de farinha, de tudo.

N'aquelle bom tempo muitas vezes comprei farinha a sello o alqueire; a carne a pataca a arroba. Hoje he o que estamos vendo: a carne a 12, a 14, e a 16 patacas: a farinha tem chegado a 10⁰⁰, a 16 a sacca, que sempre tem me-

nos de alqueire. Tudo está pela hora da morte: e como ha de passar o pobre?

D. Maril.

Vm. quer, que hoje os generos custem o mesmo, que no seu tempo? Não vê quanto tem crescido a população? Demais se antigamente huma arroba de carne custava hum sello, também havião muito menos meios de ganhar esse sello. Vm. mesma nos tem contando, que seu marido, que era Cirurgião, recebia por cada receita huma pataca: e hoje dá-se ao Cirurgião hum patacão, e não fica satisfeito.

D. Benta.

O pior he, minha filha, que esse preço exorbitante da farinha não provém de sécca; nasce sim da gente do mato pela maior parte não querer mais plantar rossa com a ganancia do assucar, e da pouca, que há, ser atravessada por monopolistas. No outro tempo os monopolistas erão bem castigados.

D. Maril.

Hoje governão outros principios. O Dr. F..... ainda outro dia, tendo huma apuração com meu pai a este respeito, citou varios Auctores de Economia Politica, e fez lhe ver, que cada hum devia vender o que he seu, como bem lhe parecer, e que o monopolio não pode ser crime; por que a abundancia de qual quer genero he, que o faz baratear, e os atravessadores nenhuns crime comettem.

D. Benta.

Eis ahi por que tudo está perdido. Já o monopolio não he crime! Em que tempo estamos nós? Maldictos Filozofos, maldictos Doctores, que tem deitado o mundo a perder. Em huma terra, como a nossa, o monopolio devia ser muito prohibido, e muito castigado, principalmente dos generos de primeira necessidade. Pernambuco, minha filha,

não he a França. Aqui basta, que huma duzia de ricos se ajuntem, e atravessem a farinha, para a porem pelo preço, que quizerem, reduzindo a pobreza a morrer de fome. O mesmo acontece com a carne. Ajuntão-se huns poucos de ricassos, fazem huma sociedade: por via de seus agentes, e correctores mandão atravessar os gados até por esses Sertões de dentro: ninguem mais he senhor de comprar hum boizinho; e os maldictos vendem a carne ao povo pelo preço, que querem. E pode ser isto justo, e bom? Tudo gemendo, tudo morto à fome; e a dizer-se, que nunca estivemos melhor!

D. Maril.

Por que quer Vm., que se obrigue aos homens do mato a que plantem mandioca? Ou quer, se ponha preço á fazenda alheia? Na industria, e commercio deve haver toda a liberdade: assim me tem dicto o Primo Mitridates, que he estudante do Curso.

D. Benta.

Essa tanta liberdade he que tem deitado tudo a perder. He possivel, que até haja liberdade para fazer fome na terra, e matar o povo? No meu tempo havia hum Almotacê, que punha o preço á carne, e á farinha; e não via ninguem se queixar disso; e se não havia secca, nunca se pozerão esses generos por tão alto preço. Eu não digo, que se obrigue aos matutos a plantar mandioca, se bem que o General D. Thomaz poz aqui hum bando, determinando que não podessem entrar na praça tantas cargas de assucar, ou d'algodão sem huma de farinha: mas basta, que o Governo prohiba o sahir farinha da praça para o mato; por que a maior parte da que aqui chëga nos barcos he consumida pela gente do mato. Também devëra haver ordem para se não venderem as cargas de farinha, se não nos mercados publicos. Pois he crível,

que sem haver sécca, morra o povo, acabe a pobreza com fome, e não se dê a menor providencia? Que nos importa cá Doctores? O que importa he não morrermos de fome.

D. Maril.

Minha Bisavó, esses principios já estão reprovados pelas luzes do seculo. Liberdade, e mais liberdade he só o que nos convêm.

D. Benta.

Leve a fortuna tanta liberdade: por isso anda o mundo tão virado, que até as raparigas de hoje não respeitão, não temem a seus pais, e querem casar ahi com qual quer bargante.

D. Maril.

E por que não? O casamento he hum contracto, e deve ser livre.

D. Benta.

Olhem, como está pornostica, e Doctora! O mundo não tem mais remedio: tudo vai de mal a pior. N'aquelle bom tempo da minha mocidade eramos Governados por hum General, por hum Ouvidor, e hum Juiz de Fôra, e nada mais. Administrava-se justiça, e tudo andava direitinho. Hoje he tanta gana governar, he tanto juiz, que ninguem se entende: ate meu compadre Braz, hum pobre homem, disse-me, que tambem era juiz de facto! Entre tanto a fome laborando, os roubos, e mortes a cada passo, e em cada canto: e ainda se nos contão lérias de que vamos muito bem!

D. Maril.

Minha Bisavó, todos esses males são necessarias consequencias da Revolução: mas quem negará, que estamos no progresso? Basta lembrar-lhe, que até já temos gêlo para tomar os nossos sorvêtes, e carapinhadas.

D. Benta.

Leve a fortuna gelos, e carapinhadas, e

todas essas invenções de pedreiros livres. Não há cousa, como o tempo antigo. Quem me déra nos meus 15 annos!

*Continuação das Maximas, &c.
do Marquez de Marica.*

Os insignificantes são como os mascarados, audazes por desconhecidos.

He huma verdade, que os homens de baixa extracção são os mais orgulhosos, e desavergonhados, logô que podem impolgar qual quer fortuna, ou emprego publico. Como a sua origem he ordinariamente desconhecida, querem passar por sujeitos d'importancia, e tornão-se cada vez mais aborrecidos.

O nosso amor proprio he tão exagerado nas suas pretensões, que não admira, se quasi sempre se acha frustrado nas suas esperanças.

Não he menos funesto aos homens hum superlativo engenho, do que ás mulheres huma extraordinaria belleza: a mediocridade em tudo he huma garantia e penhor de segurança, e tranquillidade.

A intemperança da lingua não he menos funesta para os homens que a da gula.

Quando o povo não acredita na probidade, a immoralidade he geral.

A malêdicencia he huma occupação, e lenitivo para os descontentes.

(continuar-se-á.)

ANECDOTAS.

Hum sujeito, que aprendia o Inglez, disse que não havia Lingoa, como a Ingleza: por que nella o Pão chama-se brêdo (*bread*) e o queijo chama-se giz (*cheese*).

Hum discipulo de Geographia, perguntando-lhe o Mestre qual Planeta era maior, se o sol, ou a lua; respondeo, que ambos erão da mesma estatura.